

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS**

LEONARDO MIGLIORANZA CASTAGNA

**TEORIA DA DISSUAÇÃO COMO UM PROGRAMA DE PESQUISA
CIENTÍFICA: ORIGEM, CONSOLIDAÇÃO E EVOLUÇÃO**

Porto Alegre

2022

LEONARDO MIGLIORANZA CASTAGNA

**TEORIA DA DISSUAÇÃO COMO UM PROGRAMA DE PESQUISA
CIENTÍFICA: ORIGEM, CONSOLIDAÇÃO E EVOLUÇÃO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Orientador: Dr. Marco Aurélio Chaves Cepik

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Castagna, Leonardo Miglioranza
Teoria da dissuasão como um programa de pesquisa
científica: origem, consolidação e evolução / Leonardo
Miglioranza Castagna. -- 2022.
41 f.
Orientador: Marco Aurélio Chaves Cepik.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos
Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Estudos estratégicos. 2. Dissuasão. 3. Lakatos.
4. Programa de pesquisa científica. I. Cepik, Marco
Aurélio Chaves, orient. II. Título.

LEONARDO MIGLIORANZA CASTAGNA

**TEORIA DA DISSUAÇÃO COMO UM PROGRAMA DE PESQUISA
CIENTÍFICA: ORIGEM, CONSOLIDAÇÃO E EVOLUÇÃO**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre. 26 de maio de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marco Aurélio Chaves Cepik – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Érico Esteves Duarte
UFRGS

Prof. Dr. Fábio Costa Morosini
UFRGS

Prof. Dr. Júlio César Cossio Rodriguez
UFSM

AGRADECIMENTOS

Agradeço à República Federativa do Brasil por proporcionar, a mim e a tantos brasileiros e brasileiras, a oportunidade de estudar em uma universidade pública, gratuita e de qualidade como a UFRGS. Agradeço à CAPES pela bolsa de estudos que possibilitou a realização desse mestrado.

Agradeço aos docentes e servidores pelos ensinamentos e pela coragem de se manter na luta pela educação. Em especial, sou grato ao meu orientador, Professor Marco Cepik, que me aceitou prontamente como orientando e me ensinou muito mais do que eu poderia pedir. Jamais esquecerei sua humanidade e compreensão em todos os momentos.

Agradeço também aos professores de RI da UFSM e, especificamente, ao Grupo de Estudos em Capacidade Estatal, Segurança e Defesa (GECAP-UFSM) pelas oportunidades e pelas bases fundamentais da pesquisa científica. Em especial, sou grato ao Professor Igor Castellano da Silva, pelos incentivos à reflexão e pelos ensinamentos sobre temas centrais desta pesquisa.

Agradeço aos amigos e colegas de UFRGS e UFSM pela convivência e apoio em momentos difíceis dos últimos anos. Agradeço especialmente Augusto César Dall’Agnol e Julio Werle pela parceria e pelas contribuições indispensáveis a este trabalho.

Agradeço à minha família, por manterem o apoio de sempre e o esforço diário que me oportunizou ser grato a todo o resto. Por fim, e muito longe de menos importante, agradeço à Brenda Gomes, por ser a melhor companheira para todos os momentos imagináveis.

RESUMO

A presente dissertação aproxima os Estudos Estratégicos e a filosofia da ciência. O objetivo central do trabalho é avaliar a teoria da dissuasão como um programa de pesquisa científica, conforme proposto por Imre Lakatos. Para tanto, parte-se da compreensão de que os programas de pesquisa em geral podem ser sistematizados a partir de três dimensões: origem, consolidação e evolução. A análise desenvolvida está organizada da seguinte maneira. Primeiro, apresenta a metateoria de Lakatos, com foco em suas ideias sobre a consolidação do núcleo duro e sobre as formas de evolução teórica progressiva em um programa de pesquisa. Segundo, apresenta uma interpretação sobre a origem e a consolidação do núcleo duro da teoria da dissuasão. E terceiro, avalia evoluções e mudanças da teoria ao longo do tempo, buscando compreender como a literatura posterior relaciona-se com o núcleo duro e com os elementos fundamentais identificados. O estudo sugere que a consolidação do programa de pesquisa da dissuasão está associada, principalmente, ao trabalho de Thomas Schelling. Com relação à evolução da teoria, a pesquisa aponta à existência de distintos caminhos de pesquisa desenvolvidos. Destaca-se que parte deles propõe desdobramentos para a teoria da dissuasão que se afastam do núcleo duro identificado, sendo consideradas mudanças degenerativas no contexto oferecido por Lakatos para a avaliação de programas de pesquisa científica.

Palavras-chave: Estudos estratégicos. Dissuasão. Lakatos. Programa de pesquisa científica.

ABSTRACT

This dissertation brings together Strategic Studies and the philosophy of science. The main objective is to evaluate the deterrence theory as a scientific research program, as proposed by Imre Lakatos. Therefore, it departs from the understanding that research programs in general can be analyzed in three moments: origin, consolidation and evolution. The analysis is organized as follows. First, it presents Lakatos' metatheory, focusing on his ideas on hard core consolidation and on the forms of progressive theoretical evolution in a research program. Second, it presents an interpretation of the origin and consolidation of deterrence theory's hard core. And third, it evaluates evolutions and changes of the theory over time, seeking to understand how the later literature relates to the hard core and to its identified fundamental elements. The study suggests that the consolidation of the deterrence research program is mainly associated with the work of Thomas Schelling. Regarding the evolution of the theory, the research points to the existence of different research paths. It is noteworthy that parts of them propose developments for the deterrence theory that move away from the identified hard core, being considered degenerative changes in the context offered by Lakatos for the evaluation of scientific research programs.

Key-words: Strategic Studies. Lakatos. Deterrence. Scientific Research Program.

SUMÁRIO

1	CONTEXTUALIZAÇÃO	7
2	TEORIA DA DISSUAÇÃO COMO UM PROGRAMA DE PESQUISA CIENTÍFICA: ORIGEM, CONSOLIDAÇÃO E EVOLUÇÃO	12
2.1	INTRODUÇÃO.....	12
2.2	LAKATOS E OS PROGRAMAS DE PESQUISA CIENTÍFICA (PPC).....	14
2.3	PROGRAMA DE PESQUISA CIENTÍFICA DA DISSUAÇÃO: ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO TEÓRICA	17
2.4	EVOLUÇÃO DO PROGRAMA DE PESQUISA CIENTÍFICA: CONTINUIDADE OU ROMPIMENTO?.....	24
2.5	CONCLUSÕES.....	31
2.6	REFERÊNCIAS	33
3	AGENDA DE PESQUISA	36
	REFERÊNCIAS	40

1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Este trabalho busca analisar a teoria da dissuasão como um programa de pesquisa científica conforme proposto por Imre Lakatos. Para tanto, esta primeira parte pretende contextualizar o artigo científico que compõe a dissertação. O trabalho se insere em dois debates principais, cujas apresentações fundamentam a organização desta contextualização. De um lado, no debate acerca da avaliação de construções teóricas na produção científica. Isto é, refere-se à problemática de como compreender e analisar teorias. De outro, insere-se especificamente no debate sobre a construção e evolução da teoria da dissuasão no âmbito dos Estudos Estratégicos e das Relações Internacionais.

Sendo assim, dois também são os conjuntos de pressupostos que justificam a realização do trabalho. Primeiramente, leva-se em consideração o baixo número de trabalhos que produzem análises de teorias, ainda mais com o apoio de metodologias e metateorias. As contribuições, portanto, deste tipo de investigação, ainda não foram completamente exploradas. Entre elas, este trabalho pretende iluminar as seguintes questões: formas para a organização e diferenciação do conteúdo de teorias; formas para a avaliação da progressividade do desenvolvimento de teorias.

Segundo a justificativa para o trabalho se baseia também na (continuidade da) relevância da compreensão da dissuasão, suas estratégias e implicações, para os Estudos Estratégicos, visto que o estudo das dinâmicas relativas à guerra e ao uso da força na política internacional está no cerne da concepção do campo de pesquisa. E, para tanto, é indispensável que a construção teórica e conceitual sobre a dissuasão seja rigorosa e coerente. Nesse ponto, o trabalho está em concordância com a visão de Duarte e Mendes (2015, p. 130), para quem a aderência à Metodologia de Programas de Pesquisa Científica de Imre Lakatos pode ser “uma solução epistemológica para o incremento na demarcação, consistência e progresso dos Estudos Estratégicos”.

O esforço para avaliação da construção do conhecimento nos distintos campos científicos deve ser uma constante. O pano de fundo disso é que não existe conhecimento desvinculado de considerações epistemológicas sobre os modos de produção de conhecimento válido. O que pode acontecer, e é o mais comum, é que essas considerações não sejam tratadas explicitamente. Conceitualmente, a epistemologia, “também chamada teoria do conhecimento, é o ramo da filosofia interessado na investigação da natureza, fontes e validade do

conhecimento” (GRAYLING, 1996, p. 37). Por mais abstrata que essa definição possa ser, ela demonstra a ligação intrínseca entre epistemologia e teoria. Ao passo que o conhecimento é construído essencialmente a partir das teorias, a epistemologia se preocupa com os processos e resultados dessa construção.

As metateorias, associadamente, são vistas como as ferramentas da epistemologia, e são definidas amplamente como “teorias das teorias” (BUNGE, 1998;). Freire (2013, p. 273) resume a visão de metateorias utilizada nesta pesquisa que, por serem teorias em si, podem tornar-se os próprios objetos de investigação.

[...] metateoria é um tipo específico de teoria, ou seja, uma que se concentra principalmente em teorias. Devo notar, além disso, que a metateoria, sendo uma espécie de teoria, é também um objeto em si. Isto é, porque a metateoria é uma ‘teoria da teoria’, e porque é um tipo de teoria, segue-se que ela pode eventualmente ser empregada no estudo teórico das metateorias. Essa é uma implicação importante porque, mesmo antes de abrirmos o conceito de “metateoria”, ela denota um papel crucial desempenhado pela metateoria: o de teorizar sobre a metateoria¹. (FREIRE, 2013, p. 273, tradução nossa).

Nesse ponto, destacam-se as duas principais funções exercidas pelas metateorias: primeira, de conceder uma base para a avaliação da progressividade de teorias científicas nos diversos campos de conhecimento e, segunda, de apresentar, em um sentido normativo, uma direção a ser seguida na construção e no desenvolvimento de tais teorias.

Portanto, desconsiderar preocupações epistemológicas e metateóricas na construção científica é deixar de problematizar os rumos da produção do conhecimento e de analisar criteriosamente o que já foi produzido. Conforme Bradley (1999, p. 316), rejeitar o debate metodológico e epistemológico é “abandonar o terreno à intuição e aos preconceitos de quem tem a autoridade para decidir sobre tais questões”.

¹ No original: “metatheory is a specific kind of theory, namely one that primarily focuses on theories. I should note, moreover, that metatheory, being a kind of theory, is also an object in itself. That is, because metatheory is a ‘theory of theory’, and because it is a kind of theory, it follows that it can eventually be employed in the theoretical study of metatheories. This is an important implication because, even before we open up the concept of ‘metatheory’, it denotes one crucial role played by metatheory: that of theorizing about metatheory”. (FREIRE, 2013, p. 273)

Dito isto, cabe apresentar² as visões metateóricas mais relevantes³ para esta pesquisa⁴, destacando seus pontos de aproximação e divergência. Talvez a principal “disputa” entre visões metateóricas tenha sido entre àquelas de Karl Popper e Thomas Kuhn. A apreciação de alguns de seus argumentos é fundamental para se compreender a posterior proposta de Imre Lakatos, que é trabalhada prioritariamente ao longo do artigo.

A visão de Popper (1959, 1963), tratada como racionalismo crítico, se constituiu em “uma crítica ao *positivismo lógico* do Círculo de Viena, defendendo a concepção de que todo o conhecimento é falível e corrigível, virtualmente provisório” (SILVEIRA, 1996, p. 197). Popper criticou duramente a ideia indutiva de que o conhecimento era obtido a partir do acúmulo de observações. Para ele, uma teoria nunca pode ser completamente provada, elas são sempre baseadas em hipótese que são, por sua vez, “conjecturas, virtualmente provisórias, sujeitas a reformulações, a reconstruções” (SILVEIRA, 1996, p. 217). Em seu clássico exemplo, por maior que seja o número de cisnes brancos observados, não se pode concluir que *todos* são brancos. Sempre pode haver um cisne negro. A ciência, nesse sentido, deve ser baseada no falseacionismo, ou seja, as boas teorias são aquelas que sobrevivem a testes rigorosos de falseamento. Popper, então, tinha as disputas entre teorias ou hipóteses específicas como objetos de análise principal e foi um dos grandes precursores do que se tornaria o método hipotético-dedutivo, central também na visão de Lakatos.

Entre os tantos pontos de discordância, Thomas Kuhn (1962) criticava Popper em dois pontos fundamentais. Por um lado, desacreditava que o progresso da ciência fosse tão racional quanto Popper afirmava (baseada no teste de hipóteses e no descarte daquelas não corroboradas). Por outro, entendia que os objetos a serem analisados não deveriam ser as teorias específicas, mas sim os conjuntos teóricos (chamados por ele de paradigmas), algo que também é parte integrante da proposta de Lakatos. Para Kuhn, a ciência organizava-se a partir de paradigmas, que eram incomensuráveis e, antes de tudo, ‘meios de olhar o mundo’ não necessariamente testáveis (LAUDAN, 2011, p. 103). Assim, existiriam elementos irracionais, políticos e ideacionais que permitiriam aos paradigmas perdurar ao longo do tempo. Acreditava, ainda, que “o espírito crítico, tão importante para a epistemologia popperiana, é de fato uma

² A ordem de apresentação das visões não indica necessariamente uma evolução normativa. É a evolução cronológica dos principais trabalhos de cada um dos autores.

³ Assim, não serão retomadas as origens do debate epistemológico sobre a origem da ciência e do conhecimento científico, a não ser de maneira implícita às visões dos autores. Mesmo que se reconheça e relevância desse debate, acredita-se que não caberia na amplitude do trabalho. O trabalho ficará restrito às principais visões metateóricas do século XX.

⁴ Isso não significa que elas sejam únicas ou melhores, pois a ideia é justamente promover o debate acerca do potencial e das limitações de cada uma delas.

exceção e representa um estágio — extraordinário ou —revolucionário da ciência” (MENDES, 2013, p. 24). A fase denominada por ele como ‘normal’ “[...] seria marcada pela adesão da comunidade científica a um determinado paradigma, com problemas e teorias próprios, que subsistiria mesmo diante de contra-evidências [...]” (MENDES, 2013, p. 24).

Em meio a esse debate surge a proposta de Imre Lakatos (1970, 1979), foco desta pesquisa. Suas ideias especificamente serão exploradas com maior profundidade no artigo que segue, mas é importante destacar algumas características gerais que permitam posicioná-los no desenvolvimento do campo epistemológico e metateórico mais amplo, especialmente em comparação a Popper e Kuhn. Para tanto, serão apresentados em três categorias: unidades de análises, fontes do conhecimento e progressividade (CASTELLANO; MALLMANN; VEDOVATO, 2019). Quanto às unidades de análise, Lakatos concorda com a visão kuhniana e discorda de Popper, entendendo que as principais unidades científicas são conjuntos (correntes) teóricos. Entretanto, diferentemente de Kuhn, para quem as disciplinas são, e deviam ser, dominadas por um grande paradigma, a proposta de Lakatos aponta para a existência simultânea de múltiplos conjuntos teóricos rivais (LAKATOS, 1979). A nomenclatura, ademais, é diferente. Lakatos os chama de Programas de Pesquisa Científica.

Sobre as fontes do conhecimento, apesar de reconhecer que a organização de conjuntos teóricos envolve a aceitação mais ou menos rígida de pressupostos não necessariamente testáveis, Lakatos compreende a construção científica essencialmente a partir do teste e da disputa entre teorias e hipóteses concorrentes. Por fim, os aspectos de progressividade científica possuem divergências são mais claras. Enquanto Popper via o progresso na capacidade das teorias de reconhecer seus aspectos de falseabilidade a priori, Kuhn relacionava a progressividade às revoluções na visão de mundo dominante na ciência. Para Lakatos, o progresso está fundado na capacidade de expansão preditiva das construções científicas, isto é, na capacidade das teorias de, ao se transformarem, ampliarem seu alcance de fatos novos corroborados a partir de um núcleo duro contínuo de componentes.

A proposta de interpretação e aplicação da metodologia de Lakatos desenvolvida nesta dissertação se inspira e carrega noções de outros trabalhos que a utilizaram para a análise crítica de teorias e argumentos, entendendo que seus resultados produziram clareza e organização teórica, objetivos buscados aqui. No âmbito das Relações Internacionais, o trabalho referência é a obra organizada por Colin e Miriam Elman (2003), que reúne artigos de autores expoentes como Robert Keohane e Lisa Martin, DiCicco e Levy, Andrew Moravcsik, James Lee Ray, Randall Schweller e Stephen Walker. A proposta dos organizadores de análise de um conjunto

de teorias de Relações Internacionais a partir da metodologia de Lakatos avança ao apresentar de forma aplicada ferramentas para a descrição e estruturação do conteúdo fundamental de teorias, e para a reflexão sobre a progressividade de seus movimentos ao longo do tempo.

Já no contexto dos Estudos Estratégicos, destaca-se o trabalho de Duarte e Mendes (2015). Os autores usam a metodologia lakatosiana “[...] como ferramenta para organização das interpretações e usos das proposições conceituais de Carl von Clausewitz em relação a abordagens alternativas.” (DUARTE; MENDES, 2015, p. 130). O trabalho foi motivado pela identificação de inconsistências e irregularidades com relação à capacidade do campo de pesquisa de delinear parâmetros claros de progresso científico. Os autores concluem que “[...] a proposta epistemológica de Lakatos é capaz de prover rigor e orientação para um debate acadêmico mais produtivo nos Estudos Estratégicos, bem como parâmetros claros de inclusão e utilidade de novas contribuições.” (DUARTE; MENDES, 2015, p. 130).

Sendo assim, esta dissertação segue o caminho apresentado e expande a aplicação da metodologia de Lakatos para a compreensão da teoria da dissuasão na política internacional. Por fim, a dissertação busca avançar uma sistematização de noções implícitas nos trabalhos citados. Propõe que os programas de pesquisa científica podem ser compreendidos a partir de três dimensões: origem, consolidação e evolução. A origem refere-se ao surgimento do programa de pesquisa, suas raízes. O surgimento de um programa de pesquisa não é necessariamente intencional, e sua amplitude inicial depende do propósito científico para qual foi produzido. Já a consolidação relaciona-se ao amadurecimento teórico, em que os programas passam a adquirir um corpo fundamental e construir uma identidade que os diferencia de outras teorias (em termos teóricos, empíricos, metodológicos). A evolução é entendida como sendo o constante processo de transformação (que podem ser mais ou menos profundas) e de (re)estruturação dos caminhos progressivamente importantes. Esta proposta pode parecer trivial, ao passo que o conteúdo analítico de cada uma das dimensões também estava presente nos trabalhos anteriores. Porém, entende-se que a caracterização da análise a partir desses conceitos (origem, consolidação e evolução) pode facilitar a replicação da metodologia, fomentando sua utilização em mais pesquisas e, em última instância, contribuindo para a reflexão sobre os caminhos da produção científica.

2 TEORIA DA DISSUAÇÃO COMO UM PROGRAMA DE PESQUISA CIENTÍFICA: ORIGEM, CONSOLIDAÇÃO E EVOLUÇÃO

Resumo

Este artigo avalia a teoria da dissuasão como um programa de pesquisa científica conforme proposto por Imre Lakatos. Para tanto, parte da compreensão de que os programas de pesquisa em geral podem ser sistematizados a partir de três dimensões: origem, consolidação e evolução. O artigo está organizado em três partes principais. Primeiro, apresenta a metateoria de Lakatos, com foco em suas ideias sobre a consolidação do núcleo duro e sobre as formas de evolução teórica progressiva em um programa de pesquisa. Segundo, apresenta uma interpretação sobre a origem e a consolidação do núcleo duro da teoria da dissuasão. E terceiro, avalia evoluções e mudanças da teoria ao longo do tempo, buscando compreender como a literatura posterior relaciona-se com o núcleo duro e com os elementos fundamentais identificados. O estudo sugere que a consolidação do programa de pesquisa da dissuasão está associada, principalmente, ao trabalho de Thomas Schelling. Com relação à evolução da teoria, a pesquisa aponta à existência de distintos caminhos de pesquisa desenvolvidos. Destaca-se que parte deles propõe desdobramentos para a teoria da dissuasão que se afastam do núcleo duro identificado, sendo consideradas mudanças degenerativas no contexto oferecido por Lakatos para a avaliação de programas de pesquisa científica.

Palavras-chave: Estudos estratégicos. Dissuasão. Lakatos. Programa de pesquisa científica.

2.1 INTRODUÇÃO

Toda disciplina deve preocupar-se constantemente com a forma como está sendo produzido o conhecimento em seu domínio. Não existe conhecimento teórico-científico produzido de forma totalmente desvinculada de considerações epistemológicas sobre modos de produção de conhecimento válido. Por mais abstrata que essa afirmação possa ser, ela demonstra a ligação fundamental entre epistemologia e teoria. Desconsiderar preocupações epistemológicas e metateóricas na construção científica é deixar de problematizar os rumos da produção do conhecimento e de analisar criteriosamente o que já foi produzido. Conforme Bradley (1999, p. 316), rejeitar o debate metodológico e epistemológico é “abandonar o terreno à intuição e aos preconceitos de quem tem a autoridade para decidir sobre tais questões”.

Diante disso, este trabalho busca aproximar a filosofia da ciência e os Estudos Estratégicos. Argumenta-se que a teoria da dissuasão pode ser compreendida como um programa de pesquisa científica (PPC) conforme proposto por Imre Lakatos (1979). A avaliação teórica é processada a partir de uma proposta analítica que engloba origem, consolidação e evolução da teoria da dissuasão. Para tanto, a análise foca inicialmente nas ideias lakatosianas sobre a

construção do núcleo duro com base em elementos essenciais que fundamentam determinada teoria. Além disso, confere-se atenção à evolução teórica no contexto dos programas de pesquisa científica propostos por ele, que possibilita avaliações e conclusões sobre a progressividade de suas transformações teóricas e empíricas. Neste sentido, a utilização da metodologia de Lakatos (1979) serve a dois propósitos principais. Primeiro, para facilitar a identificação e descrição dos elementos teóricos fundamentais que compõem o núcleo duro da teoria da dissuasão. Segundo, para analisar como a evolução da teoria da dissuasão se relaciona com o núcleo duro.

O objetivo central do artigo, portanto, é avaliar a teoria da dissuasão como um programa de pesquisa científica, partindo da compreensão de que os programas de pesquisa em geral podem ser sistematizados em dimensões de origem, consolidação e evolução. Isso é feito a partir da análise de obras consideradas importantes para a construção e o desenvolvimento do programa de pesquisa.

Dito isto, propõe-se que o núcleo duro da teoria da dissuasão baseia-se, sobretudo, na obra *Arms and Influence*, de Thomas C. Schelling (1966), e que a origem teórica do programa de pesquisa da teoria da dissuasão é consistente com a visão lakatosiana. Neste sentido, Schelling é, aqui, considerado o autor fundador do programa de pesquisa. São identificados, com isso, um conjunto de componentes teóricos e empíricos que dão coesão e caracterizam o programa de pesquisa da dissuasão, consolidando-se no chamado núcleo duro. Esses elementos, apesar de não serem completamente estáticos, deveriam produzir, conforme Lakatos, alto grau de concordância e baixo grau de contestação entre os pesquisadores que trabalham no programa.

Por fim, a evolução do programa de pesquisa é analisada com base em três obras principais. São elas: *The theory and practice on conventional deterrence* de John J. Mearsheimer (1981), *The definitions and assumptions of deterrence* de Colin Gray (1990) e *Complex Deterrence*, de Paul, Morgan e Wirtz (2009). Nesse momento, foca-se nos tipos de adições e mudanças propostas nas citadas obras para a teoria da dissuasão, que podem ser classificados como progressivos ou degenerativos conforme o contexto oferecido pelo sistema lakatosiano de avaliação de programas de pesquisa científica.

A divisão do trabalho é feita em três seções, para além desta introdução e da conclusão. Na primeira, é apresentada a metateoria de Lakatos, com foco em suas ideias sobre a consolidação do núcleo duro que fundamenta determinada teoria, e sobre as formas de evolução teórica progressiva, sendo elas: coesão em torno do núcleo duro, expansão explicativa, ênfase na capacidade preditiva e na corroboração empírica. Já na segunda seção, propõe-se uma

interpretação sobre a origem e a consolidação do núcleo duro da teoria da dissuasão, com base, sobretudo, no trabalho de Schelling (1966). Por fim, na terceira seção são avaliadas as evoluções e mudanças da teoria ao longo do tempo, de forma a compreender como a literatura posterior relaciona-se com o núcleo duro e com os elementos fundamentais identificados.

2.2 LAKATOS E OS PROGRAMAS DE PESQUISA CIENTÍFICA (PPC)

Por que Lakatos? Esse é um questionamento válido a partir do momento em que se reconhece a existência de uma pluralidade de propostas metateóricas para a análise de teorias e correntes teóricas, e que se tem consciência de que é “[...] impossível adentrar avaliações disciplinares sem que se façam escolhas explícitas entre uma série de epistemologias concorrentes.”¹ (ELMAN; ELMAN, 2003, p. 4, tradução nossa). Apesar da consciência de que a pesquisa científica envolve escolhas por parte dos pesquisadores, cabe apresentar brevemente as justificativas que a sustentaram, pois, as próprias justificativas revelam características importantes sobre os elementos e a estrutura da proposta.

Primeiramente, a escolha pela metateoria de Lakatos leva em conta que, em grande medida, ele sintetiza e avança concepções trabalhadas por autores como Popper e Kuhn. Por um lado, carrega de Popper a noção de que existe uma racionalidade científica baseada na construção e teste de hipóteses falseáveis, sendo possível estabelecer critérios objetivos para a análise teórica. Por outro lado, essa noção é relativizada ao passo que incorpora a visão Kuhniana de que a perpetuação das teorias envolve pressupostos/premissas que não são necessariamente testáveis ou mesmo racionais, o que explicaria a continuidade e coesão teóricas.

Em segundo lugar, Lakatos parece ser adequado para a compreensão teórica da dissuasão e, mais amplamente, de temas vinculados à disciplina de Estudos Estratégicos, porque ele, diferentemente de outros filósofos da ciência, enfatiza o papel da empiria em qualquer análise da progressividade de teorias e programas de pesquisa. Ou seja, a progressividade na evolução dos programas de pesquisa está relacionada à expansão empírica a partir da explicação de fatos não explicados pela teoria anteriormente. A adequação de Lakatos para incrementar o debate teórico no âmbito dos Estudos Estratégicos corrobora o argumento de Duarte e Mendes (2015). Segundo eles, “a proposta epistemológica de Lakatos é capaz de prover rigor e

¹ No original: “it is impossible to engage in disciplinary appraisals without making explicit selections from among a menu of competing epistemologies”

orientação para um debate acadêmico mais produtivo nos Estudos Estratégicos, bem como parâmetros claros de inclusão e utilidade de novas contribuições.” (DUARTE; MENDES, 2015, p. 130)². A utilização exemplar de aspectos da metodologia lakatosiana feita por Diniz (2010), como ferramenta para testar a cientificidade de construções teóricas no âmbito dos Estudos Estratégicos, também indica a produtividade desse caminho.

A proposta metateórica de avaliação da evolução do conhecimento científico construída por Lakatos (1979), quando utilizada para a avaliação de teorias, é guiada por duas preocupações essenciais: apresentar as principais características teóricas dos programas de pesquisa científica, que permitem sua continuidade e coerência ao longo do tempo; e avaliar o progresso dos programas a partir de sua capacidade de incorporar e explicar fatos novos. Nesse sentido, permite uma visualização objetiva dos principais componentes de corrente teórica e dos caminhos explicativos percorridos por elas.

Os programas de pesquisa científica, na concepção de Lakatos (1979), são compostos por dois elementos: o núcleo duro e o cinturão protetor. O núcleo duro é formado por componentes fundamentais cuja heurística negativa impede sua refutação, isto é, nenhuma produção que se enquadra no programa pode o contradizer. Assim, a heurística negativa funciona como “[...] um conjunto de proposições que expressam que o seu conteúdo não pode ser diretamente desafiado ou testado.”³ (ELMAN; ELMAN, 2003, p. 26, tradução nossa). O cinturão protetor, por sua vez, é formado pelas hipóteses auxiliares do programa, ou seja, são ideias, sugestões e previsões para incrementar as explicações que guiam o desenvolvimento de teorias específicas dentro do programa (heurística positiva). As hipóteses auxiliares jamais rompem com o núcleo duro (LAKATOS, 1979, p. 49–52).

Buscando operacionalizar a proposta de Lakatos e tornar seu conteúdo mais prático e adequado para a análise teórica conduzida neste trabalho, propomos, a partir de uma

² Cabe mencionar aqui outros trabalhos acadêmicos produzidos no país que avançam interpretações e avaliações da metodologia dos programas de pesquisa científica de Lakatos para as Relações Internacionais e os Estudos Estratégicos. Mendes (2013) avalia a teoria do Realismo Estrutural como um programa de pesquisa científica à luz de Lakatos. Em um sentido complementar, Dall’Agnol (2015) propõe um debate metateórico, a partir de Lakatos, entre o realismo Neoclássico e os Realismos Estruturais nas Relações Internacionais. Por sua vez, Castagna (2019) desenvolve uma análise metateórica da corrente teórica da Sociologia Histórica, com foco em sua incorporação às Relações Internacionais, a partir de uma comparação entre as propostas de Lakatos e Laudan. Por fim, e talvez mais importante para o presente trabalho, o já mencionado trabalho de Duarte e Mendes (2015) propõe a aderência à Metodologia de Programas de Pesquisa Científica de Imre Lakatos como uma solução epistemológica para o incremento na demarcação, consistência e progresso dos Estudos Estratégicos. Mais especificamente, o trabalho busca organizar as interpretações e usos das proposições conceituais de Carl von Clausewitz.

³ No original: “a set of propositions that say that this content cannot be directly challenged or tested”

interpretação de Lakatos, a existência de três dimensões teóricas para a análise dos programas de pesquisa científica: origem, consolidação e evolução.

Com relação à origem, os programas de pesquisa científica tendem a ser concebidos a partir do pensamento de um autor, que pode ser considerado o ‘pai fundador’ do programa. Isto é, o núcleo do programa de pesquisa está ligado fundamentalmente às ideias de um autor principal. Por exemplo, Lakatos sempre se refere ao programa “de Newton” e “de Galileu” quando discute a Gravitação Universal ou o Heliocentrismo (LAKATOS, 1979, p. 166). Além disso, tanto o início quanto a continuidade dos programas de pesquisa são idealmente marcados por uma confluência de pensamento. Assim, “[...] os elementos dessa série de teorias costumam estar ligados por notável continuidade, que os ‘solda’ em programas de pesquisa.” (LAKATOS, 1979, p. 161). Esses elementos produzem outra característica importante da origem dos programas de pesquisa para Lakatos, que é a existência de um momento claro de surgimento, vinculado a um autor e/ou a uma obra específica. O ponto de origem dos programas, com isso, deve ser claramente visualizado na proposta de Lakatos.

A consolidação, para Lakatos, acontece a partir do ‘núcleo duro’ que é hierarquicamente superior na estrutura dos programas de pesquisa (LAKATOS, 1979, p. 163), pois é composto de “[...] elementos centrais que se mantêm imunes à refutação e que nunca mudam até que o programa seja abandonado.” (LAUDAN *et al.*, 1993, p. 30). É juntamente com o núcleo duro que emerge a ‘heurística negativa’ que o torna inviolável. A heurística negativa indica que aqueles que se oporem ao núcleo duro são enquadrados fora do escopo do programa. Como já mencionado, isso significa que o núcleo duro não é falseável e não pode ser negado (sem que haja a criação de um novo programa). Por fim, Lakatos destaca a formação de uma heurística positiva que já nesse momento especifica os caminhos de pesquisa a serem seguidos no processo de evolução teórica dos programas.

Por fim, entende-se que a evolução para Lakatos depende da filiação ao programa de pesquisa, ou seja, da aceitação do núcleo duro e da heurística negativa (não transgressão). Os pesquisadores, mesmo que trabalhem em teorias específicas, reconhecem que estão inseridos em um programa de pesquisa maior. Pode-se dizer que são essas teorias específicas que “[...] tem de suportar o impacto dos testes e ir se ajustando e reajustando, ou mesmo serem completamente substituídas, para defender o núcleo assim fortalecido.” (LAKATOS, 1979, p. 163). Lakatos também vê a evolução como necessariamente cumulativa. Dessa forma, a evolução é baseada na incorporação e predição de fatos novos que devem ser empiricamente corroborados. Nas palavras dele, “[...] uma série de teorias será teoricamente progressiva se

cada nova teoria tiver algum excesso de conteúdo empírico em relação à sua predecessora, isto é, se ela predizer algum fato novo [...]” (LAKATOS, 1979, p. 144). Isto, pois “Um fato dado só será explicado cientificamente se um fato novo também for explicado com ele.” (LAKATOS, 1979, p. 145). Assim como as outras dimensões, a evolução teórica, para ele, preserva e aprimora a unanimidade do programa de pesquisa, porque premia a continuidade (LEVEY, 1996, p. 34) e a “[...] capacidade de fazer previsões bem-sucedidas utilizando suas suposições centrais, ao invés de utilizar suposições inventadas para o propósito considerado.” (LAUDAN *et al.*, 1993, p. 31).

A utilização de Lakatos e a interpretação proposta de sua metateoria servem a dois propósitos principais neste trabalho. Primeiramente, facilitar a identificação e descrição dos componentes e elementos teóricos fundamentais da teoria da dissuasão. Além disso, possibilitar analisar até que ponto a teoria da dissuasão se enquadra como um PPC de Lakatos nas distintas dimensões e, especificamente, como a evolução da teoria da dissuasão se relaciona com o núcleo duro e seus componentes. Como resultado, é possível visualizar tipos de relação possíveis entre a evolução da teoria e seu núcleo duro, sendo elas:

- a) aceitação do núcleo duro e complementação, tendo como resultado a expansão da capacidade explicativa e empírica do programa, a partir do teste de (novas) hipóteses e verificação em novos casos;
- b) contradição aos componentes fundamentais e modificação, tendo como resultado o rompimento do núcleo duro e, conseqüentemente, a desvinculação do programa de pesquisa original.

Idealmente, esse processo deve ser claro e reconhecido pelos pesquisadores que propõem o rompimento. Entretanto, muitas vezes os pesquisadores mantêm-se vinculados ao programa via nomenclatura (na forma, não no conteúdo), como forma de aproveitar a visibilidade de teorias consolidadas.

2.3 PROGRAMA DE PESQUISA CIENTÍFICA DA DISSUAÇÃO: ORIGEM E CONSOLIDAÇÃO TEÓRICA

O livro seminal de Thomas Schelling (1966), *Arms and Influence*, desenvolve uma agenda de pesquisa e teorização mais sistemática em torno da dissuasão no sistema internacional. Isso não implica em assumir que esta obra é a primeira a tratar de questões relacionadas à dissuasão. Vale destacar, por exemplo, a obra de Bernard Brodie (1959), *The*

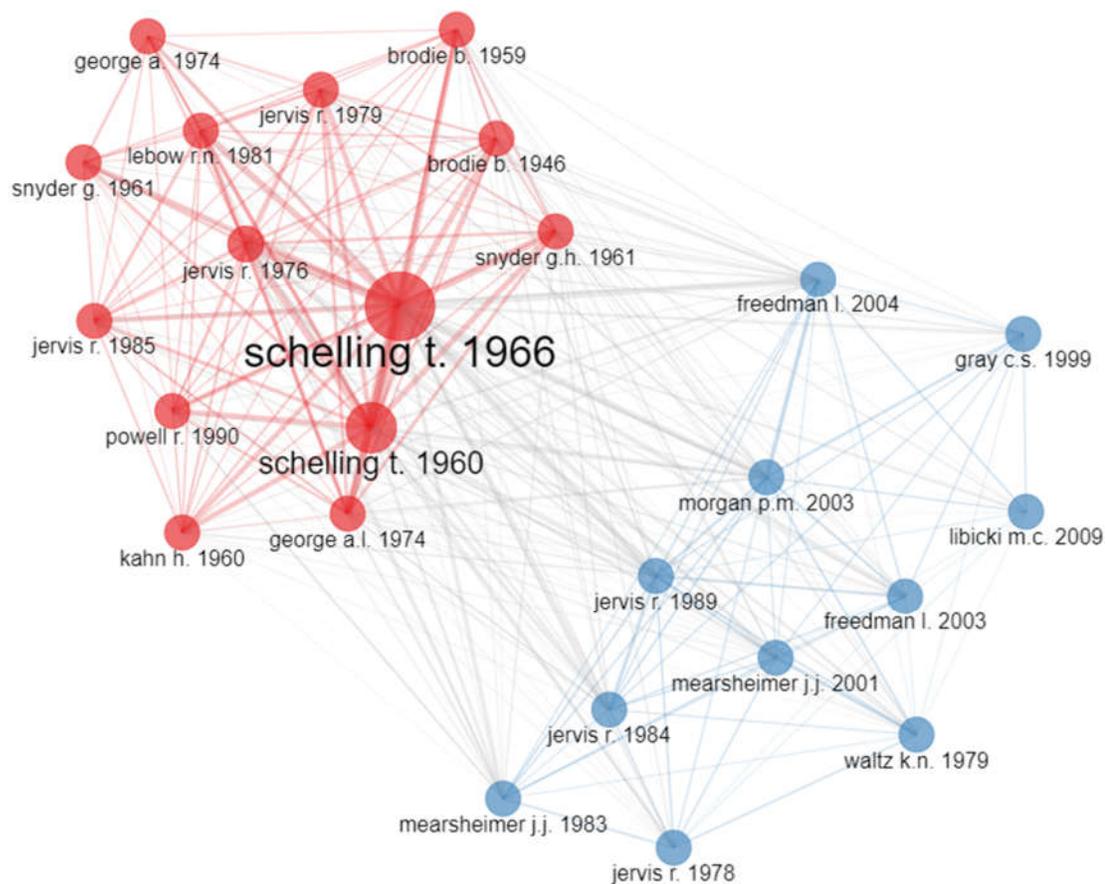
Anatomy of Deterrence, e o livro anterior de Schelling (1960), *The Strategy of Conflict*. Contudo, é em *Arms and Influence* que o autor formaliza a construção teórica e inaugura uma agenda de pesquisa sobre a dissuasão.

O argumento da seção é que Schelling é o autor principal da formação do programa de pesquisa da dissuasão e que sua obra é a base central da literatura sobre dissuasão. O critério que fundamenta o argumento proposto foi construído com base no grafo abaixo (Figura 1), que apresenta uma rede de co-citações de trabalhos sobre dissuasão, baseado em dados da Scopus⁴. Nessas redes, “[...] os vértices representam trabalhos e as arestas representam a co-citação de pares de trabalhos.” (NEWMAN, 2010, p. 70). Os dados foram obtidos a partir de levantamento bibliométrico da literatura sobre dissuasão, realizado junto à base de dados da Scopus. O termo de busca utilizado foi *deterrence*, com a aplicação de um filtro em torno daqueles documentos que apresentassem tanto o termo *military* quanto o termo *strategy* em seus títulos, resumos ou palavras-chaves. O resultado da busca foi um total de 1405 documentos publicados por 1544 autores, sendo 113 livros, 964 artigos publicados em periódicos, 198 capítulos de livro, 61 artigos de conferências e 69 resenhas. A busca abrangeu trabalhos publicados entre 1961 e 2021, limitando-se a trabalhos publicados em língua inglesa.

De forma resumida, esse tipo de rede apresenta a co-ocorrência de trabalhos científicos nas listas de referências de determinados artigos científicos. Permite, assim, a identificação de diferentes “comunidades de autores e seus líderes” (MARSHAKOVA, 1981, p. 24). Esse ponto é relevante para essa análise na medida em que “Esse tipo de análise de rede bibliométrica usa documentos científicos individuais como a unidade de análise para traçar influências, evolução de ideias e consensos paradigmáticos [...]” (BAYER et al, 1990, p. 444). Neste grafo, identifica-se os 25 trabalhos mais co-citados na base analisada, destacando a centralidade de *Arms and Influence* na literatura de dissuasão.

⁴ Scopus é a maior base de dados de resumos e citações de literatura revisada por pares, com ferramentas bibliométricas para acompanhar, analisar e visualizar a pesquisa. Scopus contém mais de 22.000 títulos de mais de 5.000 editores em todo o mundo, abrangendo campos científico, técnico, e de ciências médicas e sociais (incluindo as artes e humanidades).

Figura 1 - Rede de co-citação de trabalhos sobre dissuasão



Fonte: elaboração do autor.

Destaca-se, de imediato, que a obra possui um forte componente contextual, por ser desenvolvida em um momento em que as armas nucleares passaram a ocupar a maior parte do espaço do debate estratégico e da prática da competição sistêmica. Por isso, parcela importante do trabalho de Schelling esteve voltada para a estratégia nuclear e para a tomada de decisão na era nuclear. Tal contexto estratégico importa por duas razões. Primeiro, pelas transformações promovidas pelas armas nucleares, principalmente a velocidade de destruição e a não necessidade de se vencer para causar destruição. Segundo, pelo aumento exponencial dos custos da guerra entre grandes potências (SCHELLING, 2008).

Entretanto, o autor não se limita à questão nuclear. Diante disso, as suas contribuições e o seu legado teórico podem ser considerados, de forma mais ampla, fundantes da própria teoria da dissuasão. Partindo do pressuposto de que a interação nuclear é um fato dado, ou seja, servirá de pano de fundo para toda e qualquer interação política e securitária entre potências, o

autor propõe uma abordagem teórica que trate da coerção em toda a sua plenitude (diferentes dimensões, meios, alcances, sendo o elemento nuclear uma dessas facetas).

É fundamental compreender que Schelling (1966) não está propondo uma construção teórica sobre um contexto de guerra total em uma circunstância existencial – em que não existe possibilidade de barganha (DALL’AGNOL; DORNELLES JUNIOR, 2017; DUARTE, 2019). A teoria aplica-se para questões intermediárias (crises e guerras limitadas) em que, por um lado, os interesses permitem espaço de barganha e, por outro, a própria evolução da crise/conflito tende a ocorrer de forma mais escalonada, espaçada e em etapas mais claras. Nesses casos, há uma necessidade constante de se pautar e avaliar as decisões, ações e respostas. Consequentemente, faz sentido a aplicação da teoria dos jogos e o pressuposto de racionalidade adotado pelo autor, uma vez que a teoria está baseada em interações que clamam à tomada de decisões racionais, cujas ações e respostas são assimiladas, refletidas e analisadas.

Assim, a coerção pode ser entendida como conceito mais amplo que introduz a proposta teórica de Schelling (1966). Primeiro, é fundamental pontuar que a coerção está intimamente ligada à capacidade de produzir dano (*to hurt*) que, por sua vez, é materializada em forças militares. Segundo o autor, o propósito desta capacidade “[...] deve ser influenciar o comportamento de alguém, de forma a coagir sua decisão ou escolha.”⁵ (SCHELLING, 2008, p. 2, tradução nossa). Portanto, o poder de produzir dano é poder de barganha (*bargaining power*). Os elementos da interação de barganha entre atores que concentram capacidades coercitivas, que podem, ou não, levar à guerra, é que são teorizados. A coerção, que abarca diversos tipos de ações e de relações, possui duas esferas: dissuasão (*deterrence*) e compêlência (*compellence*), sendo que este artigo discute, exclusivamente, os desdobramentos teóricos e empíricos ligados à teoria da dissuasão.

Entende-se, aqui, que a origem teórica do programa de pesquisa da dissuasão é consistente com a visão lakatosiana. Isso porque, ao traçá-la a Schelling, identifica-se um autor fundador que concebe o programa de pesquisa⁶. Em um segundo momento teórico do programa de pesquisa, é possível estabelecer um conjunto de elementos fundamentais que dão coesão e caracterizam o PPC da dissuasão teoricamente (núcleo duro). Esses elementos não são completamente estáticos. Ainda assim, são componentes que idealmente produzem, para

⁵ No original: “must be to influence somebody's behavior, to coerce his decision or choice”

⁶ Embora outros autores tenham relevância para a discussão sobre dissuasão em geral, como Stuart Mill que buscou compreender as condições em que pessoas são dissuadidas de cometerem crimes, o programa de pesquisa sobre a dissuasão política no sistema internacional tem sua origem na sistematização de Schelling.

Lakatos, alto grau de concordância e baixo grau de contestação entre os pesquisadores que trabalham no programa.

Seis são os componentes aqui identificados:

- a) *a dissuasão é uma relação política entre atores racionais que possuem capacidades coercitivas e envolve o uso da força; os principais atores são Estados. Apesar de haver uma complementação importante da barganha no nível diplomático, em última instância, a dissuasão deve ser definida por seu caráter militar. É essencial para a dissuasão a prospecção das consequências do uso da força, pois “[...] a coerção depende mais da ameaça do que ainda está por vir do que do dano já infligido.”*⁷ (SCHELLING, 2008, p. 172) Ao utilizar da força, são produzidos incentivos negativos para a mudança de comportamento e, nos pontos de parada, a relação de barganha continua com a tentativa de explorar os resultados da coerção por meio da diplomacia e de negociações. Em relação aos atores, a dissuasão não está limitada a Estados, mas sua forma mais pura é mais aplicável à relação entre Estados, visto que envolve objetivos políticos, estratégia e operações militares;
- b) *o sucesso da coerção depende de sua contingência.* Isso é, ao mesmo tempo em que a ameaça de dano tem que ser crível para o inimigo, ele deve ter certeza de que ela não se concretizará caso aceite as condições apresentadas. Conforme Schelling (2008, p. 4), “A dor e o sofrimento precisam estar condicionados ao comportamento do inimigo; a ameaça por si só não é suficiente, mas sim a garantia correspondente - possivelmente implícita - de que este pode evitar a dor e sofrimento se cumprir as exigências.”⁸. Ao mesmo tempo em que existe um compromisso político, que envolve ter clareza de objetivos e intenções naquela interação coercitiva de barganha, é impossível retirar os elementos de risco (que é moderado pelas ações) e a imprevisibilidade da interação coercitiva. Isso ocorre, pois, “A essência de uma crise é que seus participantes não estejam em pleno controle dos eventos [...] A dissuasão deve ser entendida em relação à sua incerteza.”⁹ (SCHELLING, 2008, p. 97);
- c) *a dissuasão depende da credibilidade das ações empreendidas.* Em outras palavras, ações devem ser críveis e baseadas em capacidades reais. Por isso, esse componente

⁷ No original: “Coercion depends more on the threat of what is yet to come than on damage already done”

⁸ No original: “The pain and suffering have to appear contingent on his behavior; it is not alone the threat that is effective, but the corresponding assurance, possibly an implicit one, that he can avoid the pain or loss if he does comply”

⁹ No original: “It is the essence of a crisis that the participants are not fully in control of events; [...] Deterrence has to be understood in relation to this uncertainty”

é complementar aos anteriores, visto que a possibilidade de uso da força deve ser real. Isto é, ela só pode acontecer caso os meios e capacidades operacionais realmente existam. Em suma, “Uma ameaça persuasiva de guerra pode dissuadir um agressor; o problema é fazê-la soar persuasiva sem que pareça um blefe.”¹⁰ (SCHELLING, 2008, p. 35). Segundo o autor, a linguagem utilizada que possui maior credibilidade e é mais efetiva é aquela materializada em operações e demonstrações militares. Isso significa que a dissuasão pode ter fases ativas, seja para defender contra alguma ação ou para demonstrar que os custos para o sucesso da ação serão excessivamente elevados;

- d) *a dissuasão é contextual*. Isso significa que não existe resposta, ou plano, pré-determinado e/ou universal para momentos de crise e para relações de barganha. Assim, cada interação demanda uma avaliação contínua de ação e resposta das fases do processo interativo. É necessário construir e conservar uma capacidade analítica de processos interacionais e ambientes estratégicos calcada em fluxos contínuos de análise e informações, que possibilitem a recorrente consideração de cada ação, a avaliação de cenários e de respostas possíveis;
- e) *a dissuasão fundamenta-se na comunicação efetiva das ações aos inimigos*. Este componente está ligado ao contexto a partir de aspectos sociais e culturais de comunicação. Na lógica da dissuasão, movimentações militares, de inúmeras naturezas, podem ser vistas como linguagem universal crível. Qualquer movimento, para ser efetivo e cumprir seu objetivo, seja a partir de pontos focais ou limiares, deve ser feito na linguagem da coerção na forma de movimentos militares no teatro de operações. Ou seja, deve envolver demonstração de força, em algum grau. A comunicação no processo de barganha “é pela ação e não pela palavra”¹¹, e “ameaças e propostas, contrapropostas e contra ameaças, ofertas e garantias, concessões e demonstrações, assumem a forma de ações ao invés de palavras, ou ações acompanhadas de palavras”¹² (SCHELLING, 2008, p. 142). Segundo Schelling

¹⁰ No original: “a persuasive threat of war may deter an aggressor; the problem is to make it persuasive, to keep it from sounding like a bluff”

¹¹ No original: “is by deed rather than by word”

¹² No original: “threats and proposals, counter proposals and counter threats, offers and assurances, concessions and demonstrations, take the form of actions rather than words, or actions accompanied by words”

(2008, p. 74), “em uma ameaça dissuasória, o objetivo é frequentemente comunicado pelas preparações que tornam a ameaça crível”¹³;

- f) *a dissuasão é um processo interativo coercitivo que possui uma gramática militar e características operacionais próprias*. Essa talvez seja o componente mais importante, pois caracteriza o processo de dissuasão na prática. Aqui, duas concepções são fundamentais: a de *pontos focais* e a de *limiaries*, sendo que ambas devem ser materiais.

Neste sentido, pontos focais são pontos em que se alcança determinado grau de barganha e que a coerção (dinâmica militar) é cessada para dar tempo à atuação diplomática. Tal processo faz parte da própria dinâmica coercitiva e é essencial para a dissuasão. Pontos focais podem ser tanto pontos de parada quanto limites/limiaries estáveis. Isso porque é crucial fazer pontos de parada e envolver organizações táticas e operacionais que permitam, por exemplo, avançar certo objetivo (que pode ser territorial) e controlá-lo. Pontos focais têm por objetivo coordenar expectativas e dar margem para a barganha acontecer. Em suma, envolvem uma dimensão geográfica, além de demandarem avançar em alguma dimensão espacial. Diante disso, pontos focais são um dos operadores da coerção na prática.

Já os limiaries referem-se ao escalonamento gradual da coerção, com tempo e espaço para que o inimigo assimile a pressão exercida pela coerção. Em outras palavras, “são lugares de parada convencionais ou linhas divisórias”¹⁴ que são reconhecíveis pelos participantes e indicam limites e consequências das ações. Nesse sentido, a regulação do aumento da velocidade e da intensidade da coerção está vinculada à dinâmica interacional e depende das ações por parte do inimigo. Além disso, destaca-se que a atuação militar possui uma linguagem específica, em que “há distinções qualitativas entre diferentes tipos de atividades militares”¹⁵ (SCHELLING 2008, 134).

Diante disso, cada ação e operação tem um conteúdo comunicativo para a interação, isto é, um discurso político do que está sendo sinalizado é fundamental para compreender pontos em que as intenções e interesses se aproximam e pontos em que divergem. Isso posto, entende-se que limiaries tratam de limites estáveis e são tipos operacionais que dependem dos elementos introduzidos no ponto focal da crise, que pode ser de diferentes naturezas.

¹³ No original: “In a deterrent threat, the objective is often communicated by the very preparations that make the threat credible”

¹⁴ No original: “They are conventional stopping places or dividing lines”

¹⁵ No original: “There are qualitative distinctions between different kinds of military activity”

Por fim, o caráter e a qualidade da operação realizada trazem consequências e objetivos diferentes para a interação coercitiva e para a barganha. Dessa forma, a gradualidade dos limiares está justamente na modificação qualitativa do tipo de operação e dos tipos de elementos introduzidos no cenário “de etapas finitas no alargamento de uma guerra ou de uma mudança na participação. Há lugares de parada convencionais e linhas divisórias. Estes possuem alguma qualidade que os fazem reconhecíveis e são, de alguma forma, arbitrários.”¹⁶ (SCHELLING, 2008, p. 135).

Partindo do núcleo duro, podem ser inferidos elementos da heurística negativa do programa de pesquisa da dissuasão. O tipo de formulação utilizado a seguir para apresentar a heurística negativa é baseada na proposta de Walker (2003). Destacam-se:

- a) HN-1. Não assume que a dissuasão possa existir sem o uso da força ou sua ameaça.
- b) HN-2. Não assume que atores que não sejam Estados possam ser os principais atores da dissuasão.
- c) HN-3. Não assume que a dissuasão seja completamente efetiva se baseada unicamente em blefes e mentiras.
- d) HN-4. Não assume que um plano predefinido para a ação dissuasória que possa ser replicado integralmente em cenários distintos.

Com a caracterização desse núcleo duro, pode-se construir uma visão consistente da origem e da consolidação teórica do PPC da dissuasão. Cabe analisar, ainda, o processo de evolução do programa e os níveis de continuidade e ruptura neste processo, o que será feito na próxima seção.

2.4 EVOLUÇÃO DO PROGRAMA DE PESQUISA CIENTÍFICA: CONTINUIDADE OU ROMPIMENTO?

Sempre que se propõe a análise do desenvolvimento de determinado programa de pesquisa, é importante ressaltar dois pontos fundamentais. Primeiro, o surgimento de uma teoria sempre tem um contexto específico, tanto social/político quanto intelectual, o que faz com que teorias sejam construções históricas. Tal ponto dificulta a ideia de aplicação universal de teorias. Também, a crescente complexidade do mundo social propõe que a continuidade progressiva demande algum grau de adaptação e atualização da teoria.

¹⁶ No original: “of finite steps in the enlargement of a war or a change in participation. They are conventional stopping places or dividing lines. They have some quality that makes them recognizable, and they are somewhat arbitrary”

Por outro lado, programas de pesquisa científica são definidos, justamente, por sua coesão ao longo do tempo. No que se refere ao núcleo duro, por exemplo, não são previstas transformações profundas sem que haja uma descaracterização do programa como um todo. É justamente sob esse dilema que esta seção é desenvolvida, resumida nos seguintes questionamentos: até que ponto os ajustes e modificações identificados na evolução da teoria da dissuasão são progressivos? É possível se falar em continuidade do programa de pesquisa da dissuasão?

Para responder a tais questionamentos, são analisadas três obras: Mearsheimer (1981), Gray (1990) e Paul, Morgan e Wirtz (2009). A justificativa para seleção das obras escolhidas levou em conta três critérios. Primeiro, que as obras tivessem pelo menos cem citações em consulta à base de dados do Google Scholar, como forma de atestar sua relevância. Segundo que fossem obras preocupadas com a discussão teórica da dissuasão, para que pudessem ser avaliadas suas proposições. E terceiro, que as obras escolhidas fossem espaçadas ao longo das décadas de 1980 e 2010, buscando materializar a ideia pretendida de evolução (no tempo) do programa de pesquisa.

Mearsheimer (1981) debruçou-se sobre a dissuasão convencional, que pode ser vista como uma parte do todo da dissuasão que havia sido menos explorada por Schelling (1966). A formulação de parte de um paradoxo. Segundo Mearsheimer (1981, p. 2), enquanto “a guerra convencional continua como uma ameaça significativa à estabilidade do sistema internacional”, verifica-se que “a dissuasão convencional recebeu pouca um relativamente nenhuma atenção”¹⁷. De forma compatível à visão lakatosiana, as contribuições de Mearsheimer (1981) ao arcabouço do programa de pesquisa teórico são baseadas em problemas empíricos encontrados, como a não sistematização sobre um fenômeno que faz parte do universo de fenômenos a serem explicados pelo programa.

A partir de uma compreensão cumulativa do conhecimento científico, dois foram os principais avanços do programa de pesquisa da dissuasão a partir da obra de Mearsheimer (1981). Primeiro, destaca-se o reforço da validade dos componentes do núcleo duro do programa original, bem como as visualizações empíricas dos meios e capacidades operacionais envolvidas na dissuasão convencional. Com isso, seu trabalho “está preocupado unicamente com o elemento militar da dissuasão”¹⁸ (MEARSHEIMER, 1981, p. 4)

¹⁷ No original: “conventional war remains a significant threat to stability in the international system”; “conventional deterrence has received little scholarly attention”

¹⁸ No original: “is concerned only with the military element of deterrence”

Tal contribuição vem da utilização da teoria da guerra de Clausewitz por parte do autor. Isso porque uma teoria da dissuasão tem que estar subordinada a uma teoria da guerra e da estratégia, pois “um entendimento minucioso do assunto requer um conhecimento detalhado da história militar bem como um entendimento básico da estratégia e tática militares”¹⁹ (MEARSHEIMER, 1981, p. 16).

Vale mencionar que a teoria de Schelling já havia sido bem sucedida por não se limitar a uma abordagem economicista e por incorporar elementos de estratégia, história militar e questões operacionais. Todavia, Mearsheimer (1981) leva o programa de pesquisa a um outro nível nesse aspecto, com maior foco no campo de batalha e nos meios militares necessários para a dissuasão. De acordo com o autor, “a compreensão do que determina o sucesso no campo de batalha oferece a chave para entender porque os tomadores de decisões foram ou não dissuadidos de iniciar uma Guerra”²⁰ (MEARSHEIMER, 1981, p. 26).

Com relação ao pertencimento ao programa de pesquisa científica, Mearsheimer (1981) mantém os elementos do núcleo duro do programa original. O autor confirma que a dissuasão se trata de uma relação política baseada no uso da força e em meios militares, sendo que “as considerações militares devem ser vistas conjuntamente com os ganhos políticos esperados”²¹ (MEARSHEIMER, 1981, p. 29). Além disso, incorpora a premissa de que a dissuasão, para ser crível, deve ser fundada em capacidades operacionais, além de enfatizar que é de fundamental importância para o funcionamento da dissuasão uma capacidade defensiva crível e operacional, para que a dissuasão convencional possa focar “na capacidade de negar a um oponente seus objetivos no campo de batalha por meios puramente convencionais”²² (MEARSHEIMER, 1981, p. 5).

Vale pontuar, ainda, que Mearsheimer (1981, p. 9) reconhece o caráter contextual da dissuasão, atentando que seu próprio estudo “só se aplica ao moderno campo de batalha”²³. Por fim, o autor mantém que a dissuasão possui uma gramática própria que é fundamentalmente militar e possui diferentes escalas de interações.

No que tange às formulações de Gray (1990), estas são, comparativamente, menos específicas e empíricas do que as de Mearsheimer (1981). Ao produzir um trabalho

¹⁹ No original: “a thorough understanding of the subject requires a detailed knowledge of military history as well as a basic understanding of military strategy and tactics”

²⁰ No original: “an understanding of what determines battlefield success provides the key to understanding why decision-makers are either deterred or not deterred from launching a war”

²¹ No original: “those military considerations must be viewed in conjunction with the expected political gains”

²² No original: “on the capability to deny an opponent his objectives on the battlefield through purely conventional means”

²³ No original: “applies only to the modern battlefield”

essencialmente teórico, o autor tem um papel importante de reforçar alguns elementos do núcleo duro do programa da dissuasão. Sua principal contribuição está relacionada a mostrar o posicionamento da dissuasão como componente da estratégia.

Em contraste com visões que associavam o desenvolvimento teórico da dissuasão para um caminho vinculado à psicologia e à fatores cognitivos (SNYDER, 1978; JERVIS; LEBOW; STEIN, 1985), Gray (1990) enfatiza que é impossível falar de dissuasão sem falar de estratégia. Por sua vez, faz-se necessária a discussão dos meios de uso da força. A dissuasão, nesse sentido, é um componente da estratégia. Por sua vez, a estratégia é necessariamente militar e prática. Questões estratégicas teóricas sobre racionalidade, cognição e psicologia são partes da estratégia. Todavia, o que a define são as interações políticas de efeito mútuo. Desta forma, ressalta-se que questões teóricas nem sempre se apresentam de maneira plena.

Com isso, o autor reforça a necessidade de credibilidade e capacidade efetiva de defesa, além da capacidade de comunicar ao oponente. Torna-se fundamental, pois, uma estratégia militar real por trás das ações dissuasórias que dê lastro da credibilidade da ameaça dissuasória e para possível falha, mesmo que não exista estratégia perfeita, em decorrência da contingência.

É em função desse elemento estratégico que vai se dar a explicação do próprio fracasso da dissuasão. Em essência, a relação política entre atores se modifica, o contexto político se transforma e a interação coercitiva passa a possuir novas características e elementos que, se não compreendidos, levam ao fracasso (HOROWITZ, 2019; JOHNSON, 2020). Vale destacar que tais mudanças podem ser tanto em decorrência de política interna quanto de elementos contextuais do sistema internacional

Gray (1990) aproxima-se de Schelling (1966) no que diz respeito à visão da dissuasão como uma interação estratégica. Ou seja, a dissuasão, mais do que um resultado ou objetivo, é um processo interativo coercitivo (um processo social). Por ser uma interação estratégica e política, a dissuasão sempre será contextual. Incurrendo o risco de ser repetitivo, reforça-se que não existe teoria ou estratégia que vai servir para todos os contextos.

Cabe mencionar, também, que o caráter contextual impacta na capacidade de comunicação das ações, sobretudo devido ao elemento cultural. A consciência dos desafios impostos por diferenças culturais à comunicação na dissuasão, para Gray (1990, p. 11), é parte do que diferencia bons e maus oficiais e, em consequência, do que define o sucesso ou fracasso da dissuasão. Por isso, a ênfase deve ser nos tomadores de decisão e em análises contextuais. Gray (1990) reforça esse ponto como um elemento fundamental da teoria da dissuasão, sobretudo para contrastar visões que estavam se propondo universais e atemporais. O autor faz

questão de esclarecer que reivindicar a existência (ou a possibilidade) de uma teoria geral da dissuasão não significa dizer que a dissuasão sempre pode funcionar efetivamente sob o mesmo formato (GRAY, 1990, p. 7). Em especial, contrasta com visões surgidas nos anos de 1990 sobre a primazia da questão tecnológica, cujo domínio supostamente seria capaz de mitigar a importância de outras variáveis da interação política, como a geografia, o aspecto contextual e cultural.

Mesmo reforçando (não rompendo) o núcleo duro do programa de pesquisa da dissuasão, Gray (1990) desenvolve uma crítica pertinente à concepção de Schelling (1966), atentando para os limites da racionalidade. O autor considera Schelling unilateral, mesmo tratando de interação coercitiva (ação e reação). Para Gray, Schelling tende a ver a ação de um lado e, posteriormente, a avaliação racional e resposta de outro, não tratando o processo como uma interação complexa. É nesse ponto que, talvez, esteja uma das principais contribuições de Gray. Isso porque o autor levanta um parêntese de ceticismo em relação à previsão racional das ações, visto que seres humanos e interações sociais são falíveis (em uma visão de racionalidade) e que podem acontecer movimentos inesperados em virtude da complexidade, imperfeição e contingência da realidade.

Finalmente, a partir da década de 2000, a teoria da dissuasão tomou alguns desdobramentos que buscaram capturar um ambiente internacional em transformação, em que a própria lógica de funcionamento da dissuasão deveria ser repensada a fim de continuar como ferramenta analítica importante. Tal movimento é verificado na obra ‘Complex Deterrence’, de Paul, Morgan e Wirtz (2009). O argumento principal, desenvolvido especialmente por Jeffrey Knopf (2009), é o de que “a natureza complexa do ambiente securitário atual faz desejável ampliar o entendimento da dissuasão”²⁴ (KNOPF, 2009, p. 53). Essa concepção seria justificada pois

- i) a dissuasão já tem sido empregada em um rol de circunstâncias mais amplo que aquelas geralmente reconhecidas pela literatura de Relações Internacionais;
- ii) uma definição mais ampla é compatível com o uso do termo na linguagem comum;
- iii) desenvolvimentos recentes na estratégia estadunidense já estão se aproximando de uma definição mais ampla de dissuasão.²⁵ (KNOPF, 2009, p. 33)

²⁴ No original: “the complex nature of the contemporary security environment makes it desirable to broaden our understanding of deterrence”

²⁵ No original: “i) deterrence already has been long employed in a much wider range of circumstances than is generally recognized in the international relations (IR) literature; ii) a broader definition is compatible with certain uses of the term in ordinary language; iii) recent developments in U.S. strategy are already moving toward a broader conception of deterrence”.

Todavia, essa justificativa rapidamente suscita problemas. Primeiro, o conjunto de circunstâncias mais amplas em que a dissuasão já seria utilizada mencionado pelo autor não fica claro. Segundo justificar uma ampliação do conceito em decorrência de ele já ser, supostamente, amplo não é livre de contestações. Terceiro, ampliar a definição para torná-la compatível com uma suposta linguagem comum, ou de situações cotidianas, inverte a própria lógica da produção de ciência baseada na precisão de conceitos e se afasta da noção de que a dissuasão tem um padrão de funcionamento próprio.

Vale notar, contudo, que isso não significa que as transformações nos contextos estratégicos e securitários internacionais não tenham impacto para a teoria da dissuasão. Os autores parecem ter acertado no diagnóstico em relação à complexificação das dinâmicas sociais e à introdução de ideias importantes sobre sistemas complexos, com múltiplos níveis, atores e causalidades. Tais ideias demandam maior problematização de premissas consideradas “clássicas” na teoria da dissuasão. Entretanto, a resposta parece ter ido por um caminho que não é teoricamente progressivo, em termos lakatosianos. Nesse sentido, a resposta dada é questionável, pois resulta no rompimento de componentes fundamentais do programa de pesquisa original. Ao mesmo tempo, elementos e contextos que baseiam tais componentes não deixaram de existir, como a interação e barganha entre grandes potências e a utilização de meios militares para avançar objetivos políticos.

O primeiro elemento do núcleo duro original rompida refere-se à definição da dissuasão como uma interação coercitiva que envolve meios militares. O conceito amplo de dissuasão empregado por Knopf (2009, p. 53) “[...] remove qualquer presunção de que a dissuasão deva ser militar em seus meios e fins [...]”²⁶. A segunda, por sua vez, está relacionada à utilização do conceito de dissuasão para tratar da relação assimétrica entre Estados e atores não-estatais que possuem interesses, objetivos e padrões de relação distintos. Isso implica em dificuldades de comunicação de ações e de credibilidade da barganha, pressupostos essenciais do programa teórico da dissuasão.

Todavia, o rompimento mais claro se refere à gramática e à dimensão operacional própria da dissuasão. Ao longo da obra organizada por Paul, Morgan e Wirtz (2009), não há uma tentativa clara de incorporar para a discussão contemporânea os operadores da dissuasão que são elementos fundamentais da prática dissuasória desenvolvidos por Schelling (1966). Em outras palavras, não se discutem ideias como pontos focais, limiares, comprometimento político

²⁶ No original: “the broad concept of deterrence proposed in this chapter, which removes any presumption that deterrence must be military in either means or ends”.

e barganha. Entende-se aqui que uma abordagem que busque avançar a teoria da dissuasão não pode desconsiderar essas dimensões, pois a essência prática da dissuasão vai além do resultado em si.

Isso significa que, como estratégia, a dissuasão possui uma gramática que a caracteriza como processo interativo estratégico. O processo de interação coercitiva, que está entre o objetivo e o resultado, é que deve ser teorizado e é característico da dissuasão. Esses são os componentes chave que fazem a dissuasão ser, de fato, dissuasão, conforme a discussão teórica e empírica original. Parte desses problemas e incongruências com relação ao programa de pesquisa da dissuasão tem origem no entendimento em torno da ideia de dissuasão que fundamenta a visão desses autores. A dissuasão é vista simplesmente como objetivo e como resultado, abrindo espaço para que qualquer movimento, independente dos meios, de um ator, com o objetivo de desencorajar a ação de um agressor potencial (independentemente de sua natureza) e que resulte em não agressão, possa ser caracterizado como dissuasão.

O que se argumenta, aqui, no entanto, é que o programa de pesquisa da teoria da dissuasão possui componentes teóricos característicos, que envolve tipos de atores, meios e padrões interacionais, além de prever uma gramática própria que a define como processo interativo estratégico e coercitivo. Esses elementos produzem e caracterizam a teoria e a prática da dissuasão, e não simplesmente o objetivo de dissuadir e o resultado final dissuasório.

Diante do exposto, argumenta-se que o movimento de expandir teoricamente os elementos formadores do núcleo duro do programa de pesquisa da dissuasão com o objetivo de capturar transformações empíricas no contexto estratégico de aplicação da teoria não levou a uma evolução progressiva do programa de pesquisa em termos lakatosianos. Pelo contrário, houve o rompimento do núcleo duro e, conseqüentemente, a desvinculação do programa de pesquisa original.

Por um lado, a evolução envolveu o questionamento e o rompimento com alguns elementos essenciais do programa de pesquisa, o que não é válido a partir da visão de Lakatos. Por outro, pode-se argumentar que não houve aumento da capacidade de predição empírica do programa, outro é indicativo de progressividade para Lakatos. Isso porque, a despeito da tentativa de utilização da teoria (de forma expandida) para a captura de novos contextos para os quais ela não havia sido concebida, em última instância, o referencial empírico explicado manteve-se o mesmo, que é o ambiente de atuação estratégica dos Estados Unidos. Dessa forma, adaptações e modificações teóricas do programa, com base nos textos analisados, não foram no sentido de torná-lo mais generalizável ou, então, de expandir o alcance empírico de

casos explicados por meio do teste das hipóteses auxiliares, como Lakatos prevê. O que se observou foram modificações no sentido de capturar novos contextos estratégicos com base no mesmo referencial empírico.

2.5 CONCLUSÕES

Esse artigo discute a construção e o desenvolvimento do programa de pesquisa científica da dissuasão a partir da proposta metateórica de Imre Lakatos. Esse tipo de análise revela a coesão e as transformações teóricas ao longo do tempo, permitindo avaliações normativas sobre a progressividade, ou não, de correntes teóricas. Deve-se destacar, contudo, que esta análise não se pretende exaustiva.

Conforme desenvolvido ao longo do artigo, a utilização de Lakatos e a interpretação proposta de sua metateoria servem a dois propósitos principais. Primeiro, facilitar a identificação e descrição dos elementos teóricos fundamentais da teoria da dissuasão. Segundo, possibilita analisar até que ponto a teoria da dissuasão se enquadra como um PPC de Lakatos nas distintas dimensões e, especificamente, como a evolução da teoria da dissuasão se relaciona com o núcleo duro e seus elementos fundamentais.

Como resultado, é possível visualizar tipos de relação possíveis entre a evolução da teoria e seu núcleo duro de componentes, sendo elas: i) aceitação e complementação, tendo como resultado a expansão da capacidade explicativa e empírica do programa, a partir do teste de hipóteses e verificação dos elementos em novos casos; ii) contradição e modificação, tendo como resultado o rompimento do núcleo duro e, conseqüentemente, a desvinculação do programa de pesquisa original. Idealmente, esse processo deve ser claro e reconhecido pelos pesquisadores que propõem o rompimento, o que não foi observado a partir dos textos aqui analisados.

A segunda seção analisou a origem e a consolidação do programa de pesquisa científica da dissuasão, a partir do estabelecimento de um núcleo duro de componentes fundamentais da teoria, baseados principalmente no trabalho de Schelling (1966). Por fim, a terceira seção avaliou a evolução do programa de pesquisa da dissuasão a partir dos textos de Mearsheimer (1981), Gray (1990) e Paul, Morgan e Wirtz (2009).

A conclusão central a respeito dos textos analisados é que, para os casos de Mearsheimer (1981) e Gray (1990), considero correto tratá-los como adições progressivas ao programa de pesquisa da dissuasão, pois se mantêm fiéis ao núcleo duro e complementam o “cinturão

protetor” do programa com novas hipóteses que potencializam sua capacidade empírica. Em contrapartida, a partir da avaliação da obra de Paul, Morgan e Wirtz (2009), concluo que são propostos desdobramentos para a teoria da dissuasão que são incompatíveis com os componentes fundamentais do programa de pesquisa, tendo como resultado o rompimento com o núcleo duro e, conseqüentemente, a desvinculação do programa de pesquisa original.

Vale notar que o rompimento com determinado programa de pesquisa não é um problema em si, pois o progresso científico acontece, para além da coesão e do teste de hipóteses dentro dos programas de pesquisa, a partir da própria interação e concorrência entre programas (LAKATOS, 1979). Porém, o desvio destacado pela análise resulta problemático porque o rompimento com o núcleo duro não é acompanhado de seu reconhecimento e da conseqüente desvinculação, gerando uma impressão errônea de continuidade progressiva do programa. Isto é, a obra produz confusão teórica ao manter a nomenclatura e identidade do programa de pesquisa da dissuasão ao mesmo tempo que alarga seus conceitos e se desvincula dos componentes fundamentais de seu núcleo duro. A solução, conforme Lakatos, para que o rompimento identificado em Paul, Morgan e Wirtz (2009) contribua para o progresso científico, ele deveria justamente ser explícito com relação à ruptura, e formulado como uma teoria composta por um conjunto de conceitos, premissas e proposições testáveis que formariam o novo programa de pesquisa que concorreria com os outros.

Interpretando Lakatos, é possível citar alguns caminhos que poderiam ser progressivos para o programa de pesquisa da dissuasão. Eles contrastam com o alargamento teórico decorrente da tentativa de abarcar contextos incompatíveis com os componentes de seu núcleo duro, como a interação entre atores não estatais ou a partir de meios não militares. Em especial, este trabalho argumenta que poderia haver uma expansão empírica com a aplicação dos elementos e teste de hipóteses do programa de pesquisa em uma diversidade maior de casos no tempo e no espaço. Além disso, poderia haver a incorporação à teoria de novas práticas, fenômenos e dimensões da dinâmica social que produzem efeitos nas relações políticas da dissuasão, promovendo mudanças teóricas progressivas sem romper com o núcleo duro. Uma dessas vias, por exemplo, se constituiria no estudo da dissuasão, com seus elementos coercitivos e interativos, na era digital.

2.6 REFERÊNCIAS

BAYER, A.E.; SMART J.C.; MCCLAUGHLIN, G.W. Mapping intellectual structure of a scientific subfield through author cocitations. **Journal of the American Society for Information Science**, Estados Unidos, v. 41, n. 6, 1990. p. 444-452. Disponível em: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-4571\(199009\)41:6<444::AID-ASII12>3.0.CO;2-J](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-4571(199009)41:6<444::AID-ASII12>3.0.CO;2-J). Acesso em: 20 maio 2022.

BRADLEY, R. Review. Explorations in Economic Methodology: from Lakatos to Empirical Philosophy of Science. **The British Journal for the Philosophy of Science**, Reino Unido, v. 50, n. 2, 1999. p. 316-318. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/BRAREI>. Acesso em: 08 maio 2022.

BRODIE, B. The anatomy of deterrence. **World Politics**, Estados Unidos, v. 11, n. 2, 1959. p. 173-191. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2009527>. Acesso em: 12 mar. 2022.

CASTAGNA, L. M. **Análise metateórica da sociologia histórica a partir de Lakatos e Laudan**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

DALL'AGNOL, A.C.; DORNELLES JUNIOR., A.C. Classificação de guerras: a problemática das (in)definições. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Brasil, v. 4, n. 1, 2017. p. 45-60. Disponível em: <https://doi.org/10.26792/rbed.v4n1.2017.65352>. Acesso em: 20 ago. 2021.

DALL'AGNOL, A.C. Debate (meta)teórico entre o Realismo Neoclássico e os Realismos Estruturais nas Relações Internacionais. **Revista Perspectiva**, Brasil, v. 8, n. 14, 2015. p. 9-21. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/71231>. Acesso em: 10 abr. 2021.

DINIZ, E. Epistemologia, História e Estudos Estratégicos: Clausewitz versus Keegan. **Contexto Internacional**, Brasil, v. 32, n. 1, 2010. p. 39-90. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-85292010000100002>. Acesso em: 02 fev. 2022.

DUARTE, É.E. **A guerra entre China e Estados Unidos na Coreia: da escalada às negociações de cessar-fogo**. Curitiba: Appris, 2019.

DUARTE, É.E.; MENDES, F.P. A Ciência da guerra: epistemologia e progresso nos estudos estratégicos. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Brasil, v. 2, n. 2, 2015. p. 45-60. Disponível em: <https://doi.org/10.26792/rbed.v2n2.2015.61742>. Acesso em: 01 mar 2021.

ELMAN, C.; ELMAN, M. F. **Progress in international relations theory: appraising the field**. Cambridge: MIT Press, 2003.

GRAY, C.S. The definitions and assumptions of deterrence: questions of theory and practice. **Journal of Strategic Studies**, Londres, v. 13, n. 4, 1990. p. 1-18. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01402399008437428>. Acesso em: 25 abr. 2021.

GRAYLING, A. C. Epistemology. In: BUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E.P. (ed.). **The Blackwell Companion to Philosophy**. Hoboken: Blackwell, 1996. p. 37-61.

HOROWITZ, M.C. When speed kills: Lethal autonomous weapon systems, deterrence and stability. **Journal of Strategic Studies**, Londres, v. 42, n. 6, 2019. p. 764-788. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01402390.2019.1621174>. Acesso em: 25 jul. 2021.

JAMES, P. Neorealism as a research enterprise: toward elaborated structural realism. **International Political Science Review**, Estados Unidos, v. 14, n. 2, 1993. p. 123-148. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1601149>. Acesso em 11 jan 2021.

JERVIS, R.; LEBOW, R.N.; STEIN, J.C. **Psychology and deterrence**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.

JOHNSON, J. Deterrence in the age of artificial intelligence & autonomy: a paradigm shift in nuclear deterrence theory and practice? **Defense & Security Analysis**, London, v. 36, n. 4, 2020. p. 422-448. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14751798.2020.1857911>. Acesso em: 22 ago 2021.

KNOPF, J. Three items in one: deterrence as concept, research program, and political issue. *In*: PAUL, T.V.; MORGAN, P.; WIRTZ, J. (ed.) **Complex deterrence: strategy in the global age**. Chicago: University of Chicago Press, 2009. p. 31-57.

LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. *In* LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (ed.). **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. São Paulo: Cultrix, 1979. p. 109-243.

LAUDAN, L. *et al.* Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 7, 1993. p. 7-89. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141993000300002>. Acesso em: 25 nov. 2020.

LEVEY, G.B. Theory choice and the comparison of rival theoretical perspectives in political sociology. **Philosophy of the Social Sciences**, United States, v. 26, n. 1, 1996. p. 26-60. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/004839319602600102>. Acesso em: 17 set 2021.

MARSHAKOVA, I.V. Citation networks in information science. **Scientometrics**, Germany, v. 3, n. 1 1981. p. 13-25. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02021861>. Acesso em: 18 nov 2021.

MEARSHEIMER, J.J. **The theory and practice of conventional deterrence**. Ithaca: Cornell University Press, 1981.

MENDES, F. P. **Lakatos, o realismo ofensivo e o programa de pesquisa científico do realismo estrutural**. 2013. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

NEWMAN, M. E. J. **Networks: an introduction**. London: Oxford University Press, 2010.

PAUL, T.V.; MORGAN, P.; WIRTZ, J. **Complex deterrence: strategy in the global age**. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

SCHELLING, T. **The strategy of conflict**. Cambridge: Harvard University Press, 1960.

SCHELLING, T. **Arms and influence**. New Haven: Yale University Press, 1966.

SCHELLING, T. **Arms and influence**: with a new preface and afterword. New Haven: Yale University Press, 1966.

SNYDER, J. L. Rationality at the brink: the role of cognitive processes in failures of deterrence. **World Politics**, United States, v. 30, n. 3, 1978. p. 345-365. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2009870>. Acesso em: 10 jul. 2021.

WALKER, S. Operational code analysis as a scientific research program: a cautionary tale. *In*: ELMAN, C.; ELMAN, M. F. (ed.) **Progress in international relations theory**: appraising the field. Cambridge: MIT Press, 2003. p. 245-276.

3 AGENDA DE PESQUISA

O artigo que compõe esta dissertação buscou analisar a teoria da dissuasão como um programa de pesquisa científica conforme a metodologia proposta por Imre Lakatos. Dito isso, esta terceira parte irá:

- a) sintetizar as principais contribuições decorrentes do trabalho;
- b) apontar as principais limitações da análise;
- c) sugerir possíveis trajetórias de continuação da agenda de pesquisa.

O objetivo central do artigo foi avaliar a teoria da dissuasão como um programa de pesquisa científica, partindo da compreensão de que os programas de pesquisa em geral podem ser sistematizados em dimensões de origem, consolidação e evolução. Isso foi feito a partir da análise de obras consideradas essenciais para a construção e o desenvolvimento do programa de pesquisa.

As contribuições decorrentes do trabalho podem ser divididas em duas esferas. A primeira se refere à teoria da dissuasão e decorre das conclusões do artigo. A análise das obras permitiu a identificação de distintas vertentes no estudo da dissuasão no sistema internacional. Ficou claro que o grau de diferenciação entre elas as torna incompatíveis em termos de componentes teóricos fundamentais. Isso evidenciou uma demanda por maior clareza acerca dos contextos para os quais as formulações são propostas. Essas diferenças na teorização sobre a dissuasão, entre outras coisas, parecem ter evidenciado um contexto mais amplo de distinções entre os campos dos Estudos Estratégicos/Estudos da Guerra e as Relações Internacionais (DUARTE, 2020). Os estudos de segurança no âmbito das Relações Internacionais, por exemplo, ainda têm dificuldade em compreender “a condição da guerra como um fenômeno de efeito mútuo entre os beligerantes e as dimensões e tipos dessas relações interativas”, tratando as “[...] guerras e as forças combatentes como caixas pretas, em que apenas importa dados e explicações sobre o que ocorre antes e depois” (DUARTE, 2020, p. 11).

A segunda está vinculada ao debate metateórico. A análise da teoria da dissuasão a partir da metodologia de avaliação dos programas de pesquisa científica de Lakatos apresentou um critério prático e efetivo a partir do qual podemos avaliar criticamente obras e teorias. Nesse mesmo caminho, em um sentido pedagógico, o trabalho mostrou uma forma como os estudantes podem ser educados a fazerem análises críticas dos textos que leem, algo essencial tanto para o desenvolvimento acadêmico pessoal quanto para o progresso científico em geral e a produção consistente de conhecimento.

O que também ficou demonstrado ao longo do trabalho é que a metodologia lakatosiana utilizada não serve apenas para analisar grandes programas de pesquisa, mas também teorias de alcance intermediário. Esse argumento já havia sido desenvolvido por Walker (2003), ao propor a avaliação, como um programa de pesquisa, da teoria do código operacional utilizada em análises de política externa. A possibilidade de abarcar teorias de médio alcance em estruturas que produzem análises críticas acerca da produção científica é especialmente promissora para campos interdisciplinares como os Estudos Estratégicos e as Relações Internacionais, em que há grande variedade de sub campos de trabalho.

Com relação às limitações da análise produzida ao longo do trabalho, destacam-se alguns pontos. Considerando a amplitude de trabalhos vinculados de alguma forma ao tema da dissuasão no campo dos Estudos Estratégicos e das Relações Internacionais, a execução do trabalho partiu do pressuposto de que seria impossível incorporar ao trabalho tudo que poderia ser considerado relevante. Portanto, a justificativa para seleção das obras escolhidas levou em conta três critérios. Primeiro, que as obras tivessem pelo menos cem citações em consulta à base de dados do Google Scholar, como forma de atestar sua relevância. Segundo que fossem obras preocupadas com a discussão teórica da dissuasão, para que pudessem ser avaliadas suas proposições. E terceiro, que as obras escolhidas fossem espaçadas ao longo das décadas de 1980 e 2010, buscando materializar a ideia pretendida de evolução (no tempo) do programa de pesquisa. Entendo que, pela natureza do trabalho, as obras analisadas são suficientes e cumprem com os propósitos pretendidos de iniciar um debate sobre a progressividade das transformações promovidas à teoria da dissuasão, mesmo que sejam limitadas as possibilidades de generalização das conclusões.

Por fim, é possível identificar algumas trajetórias para o desenvolvimento da agenda de pesquisa iniciada nesta dissertação. A primeira sugere a expansão do uso da metodologia dos programas de pesquisa científica de Lakatos para analisar outras teorias no campo dos Estudos Estratégicos.

A segunda envolve um aprofundamento da análise proposta com a incorporação de outros trabalhos importantes para a teoria da dissuasão, buscando avaliar o enquadramento com o programa de pesquisa como um todo e os tipos de adições e mudanças promovidas. O aumento no número de obras analisadas é diretamente proporcional ao aumento da capacidade explicativa das conclusões alcançadas. Entre as obras possíveis, estão: Jervis, Lebow e Stein (1989), que busca incorporar variáveis relacionadas à psicologia dos líderes para a compreensão da dissuasão; e Snyder (2016), que busca aproximar os conceitos de dissuasão e defesa.

Ainda nesse sentido, será importante refletir sobre como pensar e organizar, em termos de estruturas teóricas, as obras que rompem com os componentes do núcleo duro da dissuasão conforme identificados aqui. Para além da obra de Paul, Morgan e Wirtz (2009), de fato analisada, também parecem seguir esse caminho textos como, por exemplo, os de Deudney (1995), Steinbruner (1976) e Morgan (2011). Eles fazem parte de outros programas de pesquisa? A teoria da dissuasão deveria ser desmembrada em distintos programas de pesquisa? Ou os temas desenvolvidos por elas não devem ser tratados como pertinentes à teoria da dissuasão? Ou seriam necessárias outras metodologias para se avaliar a organização de teorias como a da dissuasão? Essas parecem ser questões centrais para a continuidade da pesquisa.

Acerca da última questão, é fundamental a continuidade de pesquisas que vinculem metateorias e análises teóricas. Cabe destacar a existência de outras metodologias para esse tipo de análise como, por exemplo, a metodologia de Larry Laudan para avaliação de tradições de pesquisa. Especificamente, a metodologia de Laudan parece ser um caminho frutífero a ser explorado, pois oferece ferramentas que permitem abarcar de forma menos rígida a complexidade das teorias, quando comparado a Lakatos. Por outro lado, tende a ser menos clara parcimoniosa em seus critérios.

Para Laudan, a evolução implica escolha crítica, que envolve aceitação apenas parcial dos pressupostos, e permite modificação, expansão e inclusão. Assim, “Os componentes relacionados não constituem um pacote de se pegar ou largar; os cientistas tratam esses componentes como individualmente negociáveis e substituíveis.” (LAUDAN *et al.*, 1993, p. 76). Mais central à visão de Laudan talvez seja a ideia de que a lógica das tradições de pesquisa é baseada na capacidade de resolução de problemas teórico-conceituais e empíricos (LAUDAN, 2011, p. 117). Nesse sentido, a evolução pode se dar em termos teóricos, e é desejável que os conceitos e componentes sejam constantemente problematizados e discutidos. O debate metateórico já tem explorado, também, a comparação e o uso associado de metodologias para a análise teórica (JAMES, 1993; CASTAGNA, 2019; CASTELLANO, 2019). Ter consciência dessa condição também permite que se amplie o leque de teorias consideradas em avaliações metateóricas.

Para finalizar, a quarta trajetória possível prevê uma mudança de foco, partindo para um caminho propositivo de aplicação da teoria. Tanto a falta de coesão teórica com relação à dissuasão quanto a recorrência de casos empíricos em que o fenômeno da dissuasão e suas estratégias continuam a serem empregadas, sustentam a relevância de se manterem esforços para sua compreensão. De forma mais específica, importa tentar responder: Quando e por que

a dissuasão como estratégia tem sido efetiva ou tem falhado na política internacional contemporânea? Quais os impactos teóricos e empíricos das tecnologias e de novas dimensões da dinâmica social, como a digitalização, nas relações políticas da dissuasão? A permanência de guerras e conflitos armados e o caráter entrópico do sistema internacional contemporâneo certamente fará com que essas questões permaneçam relevantes por muito tempo.

REFERÊNCIAS

BRADLEY, R. Review. Explorations in Economic Methodology: from Lakatos to Empirical Philosophy of Science. **The British Journal for the Philosophy of Science**, London, v. 50, n. 2, 1999. p. 316-318. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/BRAREI>. Acesso em: 08 maio 2022.

BUNGE, M. **Philosophy of Science: from explanation to justification**. New Jersey: Transaction, 1998.

CASTAGNA, L. M. **Análise metateórica da sociologia histórica a partir de Lakatos e Laudan**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

CASTELLANO, I. **Disciplina de introdução a metodologia**. Bacharelado em Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2019.

CASTELLANO DA SILVA, I.; MALLMANN, A. L.; VEDOVATO, A. L. Seizing Orders Through Bridges: International Orders and Theoretical Traditions. *In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS*, 7., 2019, Belo Horizonte. **Atores e agendas: interconexões, desafios e oportunidades**. Belo Horizonte: ABRI, 2019. Disponível em: <https://www.encontro2019.abri.org.br/site/anais2?AREA=12>. Acesso em: 10 abr. 2022.

DEUDNEY, D. Nuclear Weapons and the Waning of the Real-State. **Daedalus**, Estados Unidos, v. 124, n. 2, 1995. p. 209-231. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20027303>. Acesso em: 10 abr 2022.

DUARTE, É. E. **Estudos Estratégicos**. Curitiba: InterSaberes, 2020.

DUARTE, É.E.; MENDES, F.P. A Ciência da guerra: epistemologia e progresso nos estudos estratégicos. **Revista Brasileira de Estudos de Defesa**, Brasil, v. 2, n. 2, 2015. p. 45-60. Disponível em: <https://doi.org/10.26792/rbed.v2n2.2015.61742>. Acesso em: 01 mar 2021.

ELMAN, C.; ELMAN, M. F. **Progress in international relations theory: appraising the field**. Cambridge: MIT Press, 2003.

FREIRE, L.G. The Potential and the Pitfalls of Metatheory in IR. **Estudos Internacionais: revista de Relações Internacionais da PUC Minas**, Belo Horizonte, v.1, n.2, 2013. p. 271-302. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/estudosinternacionais/article/view/6317>. Acesso em: 14 fev. 2021.

GRAYLING, A. C. Epistemology. *In: BUNNIN, N.; TSUI-JAMES, E.P. (ed.). The Blackwell Companion to Philosophy*. Hoboken: Blackwell, 1996. p. 37-61.

JAMES, P. Neorealism as a research enterprise: toward elaborated structural realism. **International Political Science Review**, v. 14, n. 2, 1993. p. 123–148. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1601149>. Acesso em: 21 mar 2021.

JERVIS, R.; LEBOW, R.N.; STEIN, J.C. **Psychology and deterrence**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1985.

KUHN, T. **The Structure of Scientific Revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

LAUDAN, L. **O progresso e seus problemas**: rumo a uma teoria do crescimento científico. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

LAUDAN, L. *et al.* Mudança científica: modelos filosóficos e pesquisa histórica. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 7, 1993. p. 7-89. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141993000300002>. Acesso em: 25 nov 2020.

MENDES, F. P. **Lakatos, o realismo ofensivo e o programa de pesquisa científico do realismo estrutural**. 2013. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MORGAN, P. The state of deterrence in international politics today. **Contemporary Security Policy**, v. 33, n.1, 2012. p. 85-107. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13523260.2012.659589>. Acesso em: 02 jul 2021.

PAUL, T.V.; MORGAN, P.; WIRTZ, J. **Complex deterrence**: strategy in the global age. Chicago: University of Chicago Press, 2009.

POPPER, K. **The logic of scientific research**. London: Routledge, 1959.

POPPER, K. **Conjectures and refutations**: the growth of scientific knowledge. London: Routledge, 1963.

SILVEIRA, F.L. A metodologia dos programas de pesquisa: a epistemologia de Lakatos. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 13, n. 3, 1996. p. 219-230. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/85015>. Acesso em: 15 jul 2020.

SNYDER, G. H. **Deterrence and defense**. Princeton: Princeton University Press, 2016.

STEINBRUNER, J. Beyond rational deterrence: the struggle for new conceptions. **World Politics**, v. 28, n. 2, 1976. p. 223-245. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2009891>. Acesso em: 10 ago 2021.